

DISTINTAS PRÁTICAS SEXUAIS NA GRÉCIA CLÁSSICA

Suzana Cristina Batista BARRETO* - UFCG

Este trabalho tem como objetivo compreender como os gregos concebiam as práticas sexuais. Para tanto, tomamos como base a tradição do teatro e algumas evidências iconográficas do mundo grego produzidas no chamado “período clássico”. Utilizamos ainda as discussões de Michel Foucault sobre o debate em torno da sexualidade na Grécia antiga. Nesse sentido, procuramos discutir a instituição do casamento no referido contexto, problematizando sua relação com as idéias e práticas ligadas ao amor e ao sexo. Consideramos que esse exercício pode contribuir para uma discussão em torno do que era institucional e do que se constituía como prática cotidiana nesse universo que selecionamos para nossa pesquisa. Isto porque, de início, cremos que casamento, amor e sexo constituíam concepções distintas na Grécia Antiga. Por fim, destacamos que o tema pode vir a possibilitar discussões sobre a sociedade grega a partir de elementos debatidos na contemporaneidade.

• Aluna do IV semestre do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

DISTINTAS PRÁTICAS SEXUAIS NA GRÉCIA CLÁSSICA

Suzana Cristina Batista BARRETO**

Orientadora: Profa.Dra.Marinalva Vilar de Lima ***

A cada dia a Grécia Antiga é mais estudada e pesquisada em seus múltiplos aspectos. Seus mitos e heróis, documentos e arte, enfim, sua história e sua cultura continuam sendo vasculhadas de maneira incessante, graças à grandeza e importância de sua civilização. E nesses estudos, as relações amorosas com todas suas nuances, sutilezas e variações, ocupa um lugar de destaque: ao mesmo tempo em que revela um mundo radicalmente diferente do nosso, nos instiga a refletir sobre como conduzimos nossa sexualidade em nosso mundo.

Assim é que se colocam as questões: Como os gregos celebravam o casamento? Havia divórcio? Tinham alguma espécie de controle da natalidade? Quais eram suas preferências sexuais? O que representavam as relações inter-gênero para eles? O que sabemos a respeito da prostituição?

Foi estimulada por questionamentos dessa natureza que estabelecemos como propósitos para esse estudo: a) a busca de informações sobre a vida sexual na Grécia antiga; b) a percepção sobre como os gregos concebiam as relações de casamento, as práticas sexuais e o amor; tomando como base textos literários (a tragédia e a comédia¹) e evidências iconográficas a que temos acesso na contemporaneidade e que foram produzidas no chamado “período clássico”.

Utilizamos ainda as discussões de Michel Foucault sobre o debate em torno da sexualidade na Grécia antiga. Foucault realiza uma interpretação das concepções sobre sexualidade na Grécia clássica, a partir dos textos de seus dramaturgos, historiadores e filósofos. Ele analisa como se formou o “homem do desejo” e coloca importantes questões sobre a formação da moral. Demonstra também que a moral na Antiguidade nada tinha a ver com a maldição da carne preconizada pelo Cristianismo².

** Aluna do II semestre do Curso de graduação em História da UFCG.

*** Professora da área de História Antiga e Medieval da Unidade Acadêmica de História e Geografia da UFCG. Doutora em História Social pela USP. Líder do Grupo de Estudos Culturais/UFCG. Membro do Conselho Consultivo da SBEC.

¹ As peças que serão melhores analisadas na etapa final dessa pesquisa constam na bibliografia.

² Veja: Michel Foucault. História da Sexualidade: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Editora GRAAL, Ed. 12^a, 2007 (vol. II).

Nesse sentido, procurou-se discutir a instituição do casamento no referido contexto, problematizando sua relação com as idéias e práticas ligadas ao amor e ao sexo.

Com base na leitura de Nikos Vrissimtzis³, que aborda o cotidiano na *pólis* grega, foi possível observar que o autor deixa claro dois conceitos inteiramente diferentes para as palavras *Eros* e *Ágape* que costuma serem traduzidas em uma única palavra, Amor. O autor define *Eros* como “estou apaixonado” – amor carnal, concernente ao desejo sexual, erotismo etc; e *ágape* como significando “afeto profundo e afeição” o que corresponde ao nosso “eu amo”. Ainda com base em Vrissimtzis⁴ temos que o primeiro termo pressupõe paixão e entusiasmo, e o segundo, serenidade e profundidade.

Vrissimtzis⁵ demonstra que no período Homérico, o poeta Homero, em seus poemas épicos *Iliada* e *Odisséia*, já apresentava uma forte presença de *Eros*. Não esqueçamos que tudo começou quando Helena, a rainha de Esparta e esposa de Menelau, apaixonou-se por Páris, o príncipe troiano, e ambos fugiram para Tróia. *Eros* foi a causa e ninguém pôde descrevê-lo e louvá-lo melhor que Homero.

Fazendo ainda alusão ao que Vrissimtzis⁶ acomete em seu estudo temos termos que identificam como viviam os gregos antigos. Obviamente as relações amorosas, em qualquer época ou lugar estão diretamente correlacionadas ao *status* social de ambos os sexos, e, sobretudo ao da mulher. Os gregos antigos deram às suas mulheres os papéis de mãe e de filha, o que, no entanto, não deve os conduzir a pensar que sua posição fosse insignificante.

Dentro do estudo de Vrissimtzis⁷ o casamento é considerado, já nos tempos homéricos, como o alicerce da sociedade. Desse modo, a importância do casamento e da família é enaltecida com a figura dos casais Zeus e Hera, Heitor e Andrômaca, Odisseu e Penélope, onde são mostrados como modelos a serem seguidos.

³ Nikos A. Vrissimtzis. Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga: um guia da vida privada dos gregos antigos. Trad.: Luiz Alberto Machado Cabral, São Paulo: Odisseus, 1ª edição, 2002.

⁴ Vrissimtzis, op.cit.

⁵ Idem, ibidem.

⁶ Idem, ibidem.

⁷ Idem, ibidem.

Idéia que Moses I. Finley⁸ vai aprofundar na análise que desenvolve sobre o período homérico, apresentando a instituição do casamento como uma das possibilidades com que o jovem grego contava para conseguir riqueza. Nesse sentido, o casamento é pensado como uma reunião de forças entre duas famílias.

A peça Medéia, de Eurípides, foi encenada pela primeira vez em Atenas, em 431 a.C. Essa importante tragédia foi amplamente apreciada e estudada durante toda a Antigüidade; nela Eurípides explora de forma magistral o drama de Medéia. Medéia, princesa da distante Cólquida, descendente do Sol, apaixonada por Jasão, traiu sua família e abandonou a terra natal, auxiliando seu amado e a expedição dos argonautas a conquistarem o velocino de ouro. Quando, anos mais tarde, depois de terem constituído família e se instalado na Grécia, Jasão anuncia que pretende desposar uma princesa local para aumentar seu prestígio e influência, Medéia vai às raias da loucura - para vingar o ultraje que Jasão pretende lhe impingir, Medéia, utilizando-se de astúcia e conhecimentos mágicos, arquiteta o assassinato da noiva e de seus próprios filhos! O dilaceramento psicológico, a tensão e o jogo dos diálogos contribuem para transformar essa peça de Eurípides numa obra-prima.

Trazendo a idéia de que a mulher era a figura “inocente”, longe disso encontra-se Medéia, mulher rancorosa, artilosa, Medéia mulher que era vista como feiticeira, que trazia em seu coração a ira conseguiu mudar os olhares que se mantinha da mulher grega.

Em Lisístrata peça escrita no ano de 411 a.C. resume-se em dois planos arquitetados pelas mulheres, através de sua líder Liberatropa (Lisístrata), onde, as mulheres mais velhas atenienses devem apossar-se da Acrópole da cidade, que é seu centro político e religioso e as esposas mais jovens de toda a Grécia devem seduzir seus maridos ao máximo e repudiá-los no momento certo, cansadas das guerras que mantêm seus maridos longe de casa, resolvem fazer uma greve do sexo. As mulheres põem em prática uma revolução nos costumes acabando com a imagem da mulher ingênua.

Para esse estudo é necessário dizer que a figura de Medéia e Liberatropa não encontra-se dentro dos padrões feminino grego, uma vez que foge a imagem da mulher frágil e que permanece no gineceu tendo que desenvolver apenas o papel da mãe e esposa dedicada.

⁸ Moses I Finley. O mundo de Ulisses, Lisboa: Editorial Presença, s/d.

Outros termos como divórcio, concubinas, contracepção e planejamento familiar estavam menos explícitos dentro de uma sociedade onde a mulher era vista como “pura”, uma vez que o divórcio só era concebido quando o adultério se dava por parte da mulher, visto que o homem não era tido como adúltero por manter relações extraconjugais. O concubinato tinha como principal objetivo a procriação, o que não só era permitido como incentivado pelo Estado, caso a esposa legítima fosse estéril ou gerasse apenas meninas⁹.

Quanto ao sexo, a sociedade grega aceitava o ato sexual sem grandes restrições, visto que, esta aceitação limitava-se ao homem. Era comum a exibição de imagens com sentido erótico (normalmente um *falo*) nas portas do *oikos*^{****} para que quem passasse de frente ao *oikos* soubesse que ali existia fertilidade e felicidade.

Certas representações eróticas tinham, de fato, um caráter religioso e votivo que estava relacionado particularmente à fertilidade; outras desempenhavam um papel *apotropaico* (prevenir-se contra o mal) e outras ainda pretendiam proporcionar um estímulo sexual. Os gregos acreditavam na Moderação e, por conseguinte, todo desvio como a atividade sexual desenfreada ou a lascívia, não era aceitável. Havia na Grécia uma lei que protegia mulheres e crianças de estupros, independentemente de elas serem livres ou escravas¹⁰.

A prostituição foi praticada na Grécia sob várias formas. As prostitutas, assim como qualquer mulher cidadã grega, tinha proteção do Estado, mas também eram obrigadas a pagar tributos e estavam sujeitas a um freqüente controle. As prostitutas, em sua maioria, eram escravas ou ex-escravas que haviam sido libertadas, mas, podiam também ser mulheres livres que eram imigrantes estrangeiras ou ainda meninas que haviam sido abandonadas por seus pais e que terminavam nas mãos de algum rufião. No universo da prostituição havia, ainda, os proxenetas, que eram homens ou mulheres da mais baixa posição social que exploravam uma ou mais prostitutas, mantidas ou não em prostíbulos¹¹.

⁹ Vrissimtzis, op.cit.

**** Sobre o sentido da expressão *oikos*, temos no Dicionário de Grego de autoria de Isidro Pereira, casa, habitação// quarto, sala//templo//bens, família. Donde resulta que não se trata apenas da idéia de casa, mas, uma expressão que traz em si uma complexidade maior.

¹⁰ Vrissimtzis, op.cit.

¹¹ Idem, ibidem.

Havia ainda as várias categorias de prostitutas, classificadas de acordo com o lugar em que exerciam a profissão, assim definidas por Vrissimtzis¹²: *Khamaitýpai* (que eram assim denominadas por trabalharem ao ar livre, deitando-se no chão); *Leophóroi ou peripatetikáí* (que encontravam seus clientes dando voltas pelas ruas); *gephyridai* (freqüentavam e trabalhavam perto das pontes); *géphyrai* (freqüentavam os banhos públicos); *katákleistai* (trabalhavam dentro dos prostíbulos).

Acerca do pagamento que era feito a prostituta, Vrissimtzis coloca que existia um preço a ser pago: um óbolo (uma dracma = seis óbolos), mas o pagamento, também, poderia ser efetuado em espécie. Existiam formas diferenciadas de pagamentos que eram feitas de acordo com a condição do cliente. A função das prostitutas era a de ter relações sexuais mediante pagamento, com quem quer que as solicitasse.

De acordo com os estudos de Deschanel¹³ as *hetairas*, assim como as prostitutas comuns, eram provenientes das classes dos escravos, ex-escravos e metecos (imigrantes). As *hetairas* deviam sua fama, sobretudo, aos banquetes (ceias exclusivas para os homens). Elas eram chamadas aos banquetes não apenas como tocadoras de flautas e dançarinas, mas também como companhia feminina. Das *hetairas* sabemos que elas eram muito bem pagas e disso resultava que adotavam um estilo de vida suntuoso, vivendo em mansões ricamente mobiliadas e decoradas, com escravos à disposição. Sua fortuna consistia exclusivamente em dinheiro, uma vez que, como mulheres não podiam adquirir bens imóveis. Além disso, eram muito solicitadas pelos homens públicos que eram ligados ao universo político da Atenas clássica. Estes buscavam não apenas o prazer, mas, sobretudo os conhecimentos a que elas se dedicavam a estudar.

Pelo fato de serem as *hetairas* mulheres e também não-atenienses, elas precisavam de algum protetor – não necessariamente de um proxeneta – que cuidasse delas. O sonho de toda *hetaira*, mesmo a mais famosa dentre elas, era encontrar um cidadão abastado que a levasse para casa como sua concubina, onde poderia viver comodamente uma relação semelhante ao casamento e ter filhos¹⁴.

¹² Idem, ibidem.

¹³ Emile Deschanel. *As cortesãs gregas*: Hiparca, Frinéia, Laís, Aspásia, Safo, trad.: Luiz Toledo Machado, Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

¹⁴ Vrissimtzis, op.cit.

Já a pederastia era uma atividade obrigatória para os jovens, uma vez que fazia parte de seu programa educacional. Com o surgimento por volta do século VI a.C. e durou até o fim do século IV a.C. Quando falamos em Pederastia nos vem logo à cabeça homossexualidade, sendo que esta, na verdade, não tinha um caráter homossexual. A palavra pederastia denotava a afeição espiritual de um homem adulto por um garoto, o que significava uma instituição pedagógica plena de ideais. A pederastia seguia um conjunto concreto de regras. Nesse relacionamento, o adulto era denominado *erastés* (“amante”) e o adolescente, *erómenos* (“amado”). Os *erómenos* deviam ter entre doze e dezoito anos e o *erastés* devia ter acima de vinte anos, o que significa que já havia ultrapassado o estágio de *erómenos*, a continuidade do relacionamento depois dos dezoito anos era considerada inaceitável, para prevenir que casualmente se transformasse numa relação homossexual. O encontro e o primeiro contato ocorria nos ginásios, onde os jovens se exercitavam. Presentes simbólicos eram dados pelos *erastés* aos seus *erómenos*, esses presentes tinham caracteres simbólico e pedagógico¹⁵.

Enquanto durava o relacionamento, o *erastés* ensinava ao *erómenos* as maneiras de comportamento, as regras de cortesia, os valores morais, a disciplina, mas também as básicas sobre a vida social, legislação e os negócios exteriores da cidade. Quando o *erastés* passava a ensinar ao *erómenos* como se comportar diante uma situação de ato sexual, o *erastés* bolinava os órgãos genitais dos *erómenos*. O próprio ato sexual ocorria (se e quando ocorria) exclusivamente entre as coxas do jovem, na posição intrafemural, já que era o único permitido de acordo com as regras não-escritas da pederastia.

Devemos, porém ressaltar que, a nobre instituição da pederastia não deve ser confundida com pedofilia, e que o homoerotismo na Grécia antiga era simplesmente tolerado pelo Estado, porém, jamais constituiu um “padrão” da sociedade grega antiga.

Quando falamos em homoerotismo feminino na Grécia antiga, limitamo-nos, pois, muito pouco sabe-se à respeito. O termo que prevaleceu em quase todas as línguas, porém, é a palavra grega lésbica, derivada da Ilha grega de Lesbos, a pátria de Safo, que é erroneamente considerada como a sacerdotisa, por excelência, do amor homoerótico feminino.

¹⁵ Idem, *ibidem*.

Partindo agora para o estudo feito por Michel Foucault em seu livro “História da Sexualidade: o uso dos prazeres”, onde aborda o debate em torno da sexualidade na Grécia antiga, observamos que Foucault realiza uma interpretação das concepções sobre sexualidade na Grécia clássica. Ele analisa como se formou o “homem do desejo” e coloca importantes questões sobre a formação da moral. Demonstra, também, que a moral na Antiguidade nada tinha a ver com a maldição da carne preconizada pelo Cristianismo.

Em “O uso dos prazeres”, Foucault estuda como a atividade sexual, remete-se na Grécia clássica a uma perspectiva educacional e do exercício da temperança para a realização de um bom uso dos prazeres, do domínio de si e dos outros, da aquisição e manutenção da liberdade e da verdade. Assim, o exercício sexual se constitui como domínio de prática moral e modo de subjetivação presente no projeto de uma “estética da existência”.

Os problemas elaborados por Foucault sobre a relação com o próprio corpo, com a esposa, o amor pelos rapazes, são os temas que também estarão presentes em “O cuidado de si”. Porém, nesta outra obra, ao lidar com os primórdios do cristianismo e observar o aparecimento das recomendações da virgindade, da defesa da fidelidade conjugal, e a condenação do amor pelos rapazes, Foucault não aborda estas questões em termos de maior ou menor liberdade de conduta sexual. Tais formulações éticas exigentes já se encontravam presentes na reflexão médico-filosófica do século IV, analisado em “O uso dos prazeres”. Sua questão central é constatar a emergência de uma arte de existência inteiramente nova, dominada pelo cuidado de si, onde o que se torna relevante é a dependência ou independência do sujeito.

Nesta análise, o mal e a fragilidade, inscrita no próprio sujeito é que recomendará este cuidado de si que vê no casamento o lugar natural do sexo e de sua racional inserção, mas que, mesmo assim, não livra do mal que o próprio sexo proporciona à fragilidade da natureza humana. Neste caso, o amor pelos rapazes ainda não é colocado em termos de essência antinatural.

O ascetismo cristão desse primeiro momento incorpora práticas de si provenientes da Antiguidade como o auto-exame, direção da consciência, técnicas de autodecifração, procedimentos de purificação, fazendo com esse si cristão não seja dado, mas se constitua

uma busca. A virada crucial é quando Sto Agostinho submeterá as práticas de si a um recentramento em torno da purificação, autodecifração, e lutas contra o desejo.

Este deslocamento apresentado por Foucault significa a passagem de uma concepção de si mesmo a ser construído, a uma imagem de si como algo já dado, precisando apenas de decifração e anulação. Entretanto, esse movimento só tornou-se possível pelo advento do poder pastoral incorporado ao ascetismo monástico, que pelo código privará o indivíduo cada vez mais da liberdade de autoconstituição.

Portanto, os anseios de Foucault na problemática da constituição dos sujeitos e das possibilidades de práticas anti-subjetivantes ecoam em suas análises temporalmente diferentes, mas com um núcleo comum: a busca por possibilidades estratégicas de não sujeição. Contudo, às margens de seu problema central, nas bordas de suas obras encontram-se reflexões sobre as possibilidades de uma autoconstituição mais livre dentro de práticas religiosas como a ascese cristã dos primeiros séculos. Assim, a religião em Foucault não fica relegada a uma prática doutrinária de códigos que visam a sujeição através de um discurso. Abre-se a possibilidade de em determinados contextos históricos à religião oferecer um aparato discursivo que possibilite uma prática antissubjetivante.

A terminologia teve ênfase ao término desse estudo, na qual esclarecemos dentro da leitura e estudo que se fez de Nikos Vrissimtzis em sua obra “Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga: um guia da vida privada dos gregos antigos”, assim também como na leitura que fizemos com Michel Foucault em “História da Sexualidade: o uso dos prazeres”, onde pôde-se assimilar alguns pontos verossímeis. Por fim, houve-se um diálogo, mais pontualmente, com os estudos desenvolvidos por Finley, Deschanel, bem como, evidenciou-se esforços nas análises dos textos trágicos e cômicos como Medéia e Lisístrata nas quais houve um estudo mais a fundo.

BIBLIOGRAFIA

1. ARISTÓFANES. Lisístrata, trad.: Ana Maria César Pompeu, São Paulo: Editorial Cone Sul, 1998.
2. DESCHANEL, Emile. As cortesãs gregas: Hiparca, Frinéia, Laís, Aspásia, Safo, trad.: Luiz Toledo Machado, Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
3. ÉSQUILO. Agamenon, Brasília: Unb, 1997.
4. EURÍPIDES. Medéia, Trad.: Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
5. FINLEY, Moses I. O mundo de Ulisses, Lisboa: Editorial Presença, s/d
6. FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Editora GRAAL, Ed. 12ª, 2007.
7. SÓFOCLES. Édipo Rey, 16ª edicion, Trad:Fernando Segundo Brieva, Madrid-Espanha: EDAF, 2005.
8. VRISSIMTZIS, Nikos A. Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga:um guia da vida privada dos gregos antigos. Trad.: Luiz Alberto Machado Cabral, São Paulo: Odysseus, 1ª edição, 2002.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Casamento_na_Gr%C3%A9cia_Antiga

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pederastia>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Prostitui%C3%A7%C3%A3o_na_Gr%C3%A9cia_Antiga